


## O gabinete do Dr. Evans

**Alexandre Andrade da Costa**

Fundação Educacional de Fernandópolis, Fernandópolis, São Paulo, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-4681-5614>

E-mail: [aachistoria@yahoo.com.br](mailto:aachistoria@yahoo.com.br)



### Resenha de:

EVANS, Richard J. *Terceiro Reich na história e na memória: novas perspectivas sobre o nazismo, seu poder político, sua intricada economia e seus efeitos na Alemanha do pós-guerra*. São Paulo: Planeta, 2018. 496 p. ISBN: 978-85-4221-338-6 (impresso).

**Texto recebido em: 11/05/2020**

**Texto aprovado em: 19/10/2020**

O livro do historiador inglês Richard J. Evans, um dos grandes nomes do campo de pesquisas sobre o nacional-socialismo e suas consequências no século XX, coroa uma produção de densos trabalhos do autor tais como *A chegada do Terceiro Reich*, *Terceiro Reich no poder* e *Terceiro Reich em Guerra*, todos publicados no Brasil pelo selo Crítica, da editora Planeta. Evans é uma das mais importantes referências no estudo do período, tendo atuado como docente nas universidades de Columbia e Londres. Atualmente, leciona História Moderna na Universidade de Cambridge.

Dividida em sete capítulos – “República e Reich”, “Por dentro da Alemanha nazista”, “A economia nazista”, “Política externa”, “Vitória e derrota”, “A política do genocídio” e “Consequências e desdobramentos” – a leitura perpassa vários aspectos do cotidiano e dos cenários da conflagração que devastou a Europa entre os anos de 1939 e 1945.

O leitor é premiado com a atualização dos debates sobre os temas mais relevantes para a pesquisa nesta área de pesquisa. O autor reuniu nesta obra suas críticas e impressões de leitura acerca da historiografia que foi publicada na segunda metade do século XX.

Aos leitores já familiarizados com os debates e com os autores das inúmeras faces desta problemática, Evans os premia com densas análises e arrasadoras críticas a partir da constatação de que o estudo do nacional-socialismo passou por profundas transformações ao longo do tempo.

Assim como Hannah Arendt<sup>1</sup>, Evans ao analisar a maneira como os alemães tratavam os “forasteiros sociais” aponta para uma nova forma de compreender a sociedade alemã daquele período. Para ele,

Nomear a barbárie como a ferramenta conceitual central para a compreensão do Terceiro Reich é confundir pensamento e condenação moral. Por outro lado, conceber o extermínio nazista como um aspecto do fenômeno bifronte e contraditório da modernidade envolve reconhecer a possibilidade de haver um lado sombrio da modernização (...) Equivale a reconhecer que a ciência, em certos lugares e em certos momentos históricos, e talvez mais marcadamente na Alemanha entre 1890 e 1940, pode constituir uma força em igual medida construtiva e destrutiva, e que aquilo que para alguns era tido como progresso social outros sentiam na pele como discriminação, opressão, sofrimento e morte. (EVANS, 2018, p. 99)

Pelo exposto, pode-se perceber que o autor foge das categorias de análise simplistas que inserem o nacional-socialismo no campo da barbárie e de um mal absoluto que não pode ser compreendido e aponta o extermínio como aspecto tenebroso de uma modernidade que, na Alemanha, resultou em genocídio.

No segundo capítulo, os temas centrais giram em torno da vida íntima de Adolf Hitler e de dois conceitos fundamentais para a compreensão da Alemanha nazista: a *Zustimmungsdictatur* (ditadura por consenso) e a *Volksgemeinschaft* (comunidade do povo). No caso da primeira, Evans chama a atenção para o fato de que há na historiografia uma renovação que pretende demonstrar que o regime nacional-socialista não era caracterizado, primordialmente, apenas pela coerção.

Discute-se, portanto, a participação da população alemã e o consentimento dela em relação aos crimes cometidos pelo regime. O autor sopesa os apontamentos de grandes nomes da historiografia que trabalharam com esta questão e assevera que

Com justeza, a historiografia recente tem sido crítica acerca dos estudos mais antigos que reduzem a opinião popular do Terceiro Reich a mero produto de coerção e propaganda. Porém, diminuir o valor da primeira e ignorar os últimos, em favor de um enfoque totalmente voluntarista, não é lá muito útil como meio de expressar

os mecanismos de funcionamento do Terceiro Reich. (EVANS, 2018, p. 127)

No que se refere ao conceito de comunidade do povo, o autor perpassa uma vasta gama de obras publicadas a partir dos anos 1990 para repensar o papel que esta possuía dentro da sociedade alemã como propaganda capaz de explicar porque um grande número de alemães não se levantara contra Hitler.

Crítico da obra de Daniel J. Goldhagen, cientista político norte-americano, por suas “abrangentes generalizações” Evans conclui, depois de avaliar os trabalhos de vários autores que se debruçaram sobre o tema na contemporaneidade, que “a comunidade do povo” sempre foi mais um mito de propaganda do que uma realidade social”. (EVANS, 2018, p. 158)

Alguns dos aspectos econômicos do regime foram enfeixados no capítulo três, no qual o historiador inglês discorreu sobre a *Krupp*, uma gigante empresarial alemã e a produção de armas; sobre o *Volkswagen*, o carro do povo bem como sobre simpatizantes do regime e a recuperação econômica da Alemanha no pós-Primeira Guerra Mundial.

Destaque neste conjunto de textos para a descrição do autor de outros produtos produzidos na Alemanha neste período que ganharam este epíteto “do povo” como forma de propaganda para o regime, a exemplo do aparelho de rádio (*Volksempfänger*) e do refrigerador (*Volkskülschrank*).

A política externa enfeixa os textos que Evans elencou no quarto capítulo, que versa sobre Mussolini, sobre os rumos da guerra e sobre a atuação do diplomata de carreira, Curt Prüfer, que foi enviado ao Brasil por Hitler e liderou a embaixada da Alemanha até 1942 quando se deu o rompimento das relações entre os dois países.<sup>2</sup> Evans demonstra, sobre este último, como ele atuou para alterar dados de suas anotações do período para não comprometer sua imagem durante o pós-Guerra pois ele seria “profundamente antissemita”. (EVANS, 2018, p. 279)

Os livros que abordam o tema da *Vitória* dos Aliados e da *Derrota* alemã e os comentários de Evans sobre eles são o mote para a composição do quinto capítulo, com destaque para as análises sobre a obra de outro grande historiador do nazismo, o inglês Ian Kershaw.

No livro *Fateful Choices (Decisões fatídicas)*<sup>3</sup>, Kershaw arguiria que em outubro de 1941, Hitler havia decidido atacar os EUA e que esta seria uma decisão fatídica que alterara o curso do conflito. Diante disso, Evans ponderou que:

Mesmo se Hitler não tivesse feito a sua declaração de guerra, a cada vez mais intensa batalha de submarinos no Atlântico teria arrastado os EUA para o conflito mais cedo ou mais tarde. A decisão de Hitler, portanto, nada teve de fatídica, afinal – um veredito que, embora bastante convincente seguramente solapa sua inclusão em um livro intitulado *Fateful Choices*. (EVANS, 2018, p. 321)

A singularidade do Holocausto e as políticas empreendidas para o genocídio foram selecionadas como temáticas para as discussões do sexto capítulo. Evans adota, nesta parte do livro, uma prosa bem didática para esclarecer os principais pontos que envolvem a discussão em torno deste crime contra a Humanidade.

Uma das mais complexas questões neste campo é discernir sobre a excepcionalidade da *Endlösung* (Solução Final) e sobre a possibilidade de estabelecer comparações entre os genocídios de populações ao longo do tempo. Evans explica, sobre esta última que:

Tão horrendo era esse crime que alguns comentaristas argumentaram ser ilegítimo compará-lo a qualquer outra coisa. Contudo, a menos que o comparemos a outros eventos, não podemos estabelecer sua singularidade. A comparação não significa simplesmente extrair e estabelecer similaridades, significa também isolar diferenças, e avaliar uma e outra coisa (...) então ele é de fato único, singular, não pode ser repetido de nenhuma forma, e portanto o *slogan* 'nunca mais de novo' é sem sentido, já que o Holocausto não tem relevância para mais nada e nenhuma lição a nos ensinar no presente. (EVANS, 2018, p. 380. grifo no original)

706

O tom pedagógico de Evans ganha contornos ainda mais nítidos quando ele se propõe a discorrer sobre a primeira questão, ou seja, sobre o caráter excepcional da *Shoah*. Para ele,

para identificar o que havia de singular sobre o genocídio dos judeus *em geral, como um todo*, é mais importante especificar por quê, e não como. Suas características peculiares derivavam do fato de que os nazistas consideraram os judeus da Europa e, de fato, do mundo uma ameaça letal e universal à sua existência e à da Alemanha em termos mais gerais, ameaça que deveria ser eliminada de qualquer maneira possível, o mais rápido possível e do modo mais completo possível. (EVANS, 2018, p. 396. grifo no original).

De todas as ponderações presentes na obra, entretanto, nenhuma é mais crítica do que a leitura que Evans apresenta da obra de Timothy Snyder, *Bloodlands: Europe between Hitler and Stalin*. Além de pontuar que o autor desconhecia a bibliografia especializada sobre o tema, Evans afirma que ele “avilta

trivializa ou ignora o sofrimento dos muitos outros europeus que tiveram o infortúnio de cair em mãos nazistas” ao concentrar-se apenas no espaço que denominou “terras de sangue”. (EVANS, 2018, p. 411) Ao final de seu comentário, dispara que “o livro é inútil”. (EVANS, 2018, p. 414)

Em “Consequências e desdobramentos”, último capítulo do livro, Evans trata das utopias urbanas das cidades, dos objetos de arte e sua espoliação durante a guerra além de analisar os deslocamentos de alemães advindos da derrota na guerra, outro trauma daquele período.

O livro conta ainda com as Notas de cada capítulo reunidas em conjunto, na parte final, além de apresentar ao leitor um Índice remissivo que orienta e facilita em grande medida a localização seja de personalidades específicas ou mesmo de temas como o extermínio de judeus, por exemplo.

Trata-se, pelo exposto, de uma obra muito maior que a soma de suas partes, esperança que Evans nutria ao apresentar o livro que, ao longo de suas quase 500 páginas, discorre sobre os temas mais debatidos na historiografia com rigorosa e densa análise.

*Terceiro Reich: na história e na memória* é praticamente um *Reader* daqueles em que o leitor encontra uma bibliografia comentada sobre algum grande tema e que figurará, indubitavelmente, como um dos mais consultados dentre os estudiosos do período que ganharam, com o livro, acesso à parte do gabinete de leitura de Richard J. Evans.

## NOTAS

1. A autora, ao refletir sobre a tentativa de apreender as principais características do totalitarismo destacou o fato de que “compreender não significa negar o ultrajante, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades (...) significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocaram sobre nós – sem negar sua existência nem vergar humildemente a seu peso, como se tudo o que de fato aconteceu não pudesse ter acontecido de outra forma.” In: ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 21.
2. Curt Prüfer foi designado depois que Karl Ritter foi declarado persona non grata, em setembro de 1938. Para mais informações ver: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/kurt-prufer>. Acesso em: 9 abr. 2020.
3. Publicado no Brasil em 2008 pela Companhia das Letras sob o título: *Dez decisões que mudaram o mundo (1940-1941)*.

**Alexandre Andrade da Costa** é Professor do Curso de História da Fundação Educacional de Fernandópolis. Graduado, Mestre e Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

**Como citar:**

COSTA, Alexandre Andrade da. O gabinete do Dr. Evans. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 2, p. 703-708, jul./dez. 2020. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br). Resenha de: EVANS, Richard J. *Terceiro Reich na história e na memória: novas perspectivas sobre o nazismo, seu poder político, sua intrincada economia e seus efeitos na Alemanha do pós-guerra*. São Paulo: Planeta, 2018.